

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

RADMILLA FÉLIX BEZERRA

**DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL: O impacto do racismo na autoestima da
criança negra**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

RADMILLA FÉLIX BEZERRA

**DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL: O impacto do racismo na autoestima da
criança negra**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Moema Alves Macedo

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

RADMILLA FÉLIX BEZERRA

**DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL: O impacto do racismo na autoestima da
criança negra**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 05/12/2024

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Me. Moema Alves Macêdo - UNILEÃO

Membro: Esp. Francisca Janiele Felipe Feitosa - UNILEÃO

Membro: Esp. Maria Sáwilla Moura de Lima - UNILEÃO

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL: O impacto do racismo na autoestima da criança negra

Radmilla Félix Bezerra¹

Moema Alves Macedo²

RESUMO

A prática do racismo é um fenômeno que constantemente precisa ser enfrentado, por assolar os indivíduos diretamente afetados, assim como tende a se manter cristalizado e moldar a estrutura social de dominação e exclusão. Apoiado nisso, o presente artigo tem como objetivo mapear impactos do racismo no desenvolvimento psicossocial de crianças negras no que se refere à autoestima. Metodologicamente, este trabalho se classifica enquanto uma pesquisa descritiva que consta com o método bibliográfico e análise de dados qualitativa. Sendo assim, foram descritos nessa pesquisa especificidades sobre o desenvolvimento psicossocial na infância, assim como aspectos sobre a formação da autoestima e da expressão do racismo para, por fim, descrever como um pode vir a impactar no outro. Conclui-se que, foi possível fazer certas correlações entre o racismo direcionado ao momento de desenvolvimento da infância e os impactos causados na construção de uma autoestima saudável.

Palavras-chave: Psicologia; Racismo; Autoestima; Criança; Desenvolvimento psicossocial.

ABSTRACT

The practice of racism is a phenomenon that must constantly be confronted, as it devastates directly affected individuals while tending to remain entrenched and shape the social structure of domination and exclusion. Based on this, the present article aims to map the impacts of racism on the psychosocial development of Black children, particularly regarding self-esteem. Methodologically, this work is classified as descriptive research employing bibliographic methods and qualitative data analysis. Thus, this study details the specificities of psychosocial development in childhood, aspects of self-esteem formation, and the expression of racism, ultimately describing how these elements may influence one another. It concludes that certain correlations can be drawn between racism experienced during childhood developmental stages and the resulting impacts on the construction of healthy self-esteem.

Keywords: Psychology; Racism; Self-esteem; Child; Psychosocial development.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: radmilla.bezerra@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: moema@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O estudo do desenvolvimento humano inicia antes mesmo do nascimento do indivíduo, ainda na fase pré-natal. Tal estudo sobre o desenvolvimento humano é dividido em desenvolvimento psicossocial, físico e cognitivo, segundo Papalia e Martorelli (2022) na obra “Desenvolvimento Humano”. A infância é categorizada em primeira infância (desde o nascimento até os 3 anos) até a terceira infância (6 a 11 anos), momento no qual a criança está conhecendo o mundo e a si mesma, interagindo com o mundo e seus semelhantes, ou seja, está constantemente absorvendo os estímulos do mundo externo para criar seus próprios conceitos e percepções do mundo. Dessa forma, como cita Papalia e Martorelli,

Durante a segunda infância, as crianças passam a ter mais autocontrole e maior interesse por outras crianças. Durante a terceira infância, o controle sobre o comportamento aos poucos se desloca dos pais para os filhos e os colegas tornam-se cada vez mais importantes. (Papalia; Martorelli, 2022, p.8)

Caso, durante esse período, existam influências sociais externas, como o racismo, nas vivências e experiências desses indivíduos, isso provavelmente impactará diretamente nos seus níveis de desenvolvimento, principalmente o psicossocial. Destaca-se, dentro dos aspectos psicossociais a autoestima do indivíduo, que é responsável pela forma como este se avalia, como enxerga as situações pessoais e sociais à sua volta. Ao darem significado à autoestima, Sánchez e Barrón (2003 *apud* Aprile 2013, p.37) explicam que, esta interfere, portanto, na saúde, no bem-estar e na qualidade de vida da população em geral. Sendo assim, o racismo tem grande influência na forma como o indivíduo diretamente impactado por esse preconceito passa a enxergar a si mesmo e situações do dia a dia.

O racismo, é um tipo de violência complexa e atual, apesar de sua raiz antiga, que de maneira geral hierarquiza grupos de indivíduos com base na sua raça-etnia. Dessa forma, o racismo, especificamente com pessoas negras, influencia na forma como a sociedade se organiza, como as pessoas pretas internalizam suas personalidades e tornam-se conscientes de si, assim como, também influencia na forma como os demais indivíduos tratam as vítimas desse preconceito no dia a dia em diversos aspectos e níveis.

O racismo, por sua vez, inclui a dimensão do poder e é revelado através de diferenças globais na partilha e no acesso a recursos valorizados, tais como representação política, ações políticas, mídia, emprego, educação, habitação, saúde, etc. (Kilomba, 2019, p.76)

O estudo sobre a temática racial se faz muito importante, pois enriquece o repertório científico e cultural de um povo e contribui para o pensar em práticas antirracistas posteriormente. A atenção para os cuidados na infância precisa ser redobrada quando se pensa em um recorte racial e econômico, já que as crianças estão mais vulneráveis a absorver aquilo que recebem, fazendo de sua experiência a sua visão de mundo. Com base no exposto, este artigo tem como pergunta-problema: Que impactos do racismo no desenvolvimento psicossocial da autoestima de crianças negras podem ser mapeados em bancos de dados e plataformas científicas?

Destaco que, para além da importância social e acadêmica, a justificativa pessoal para trabalhar essa temática, pode ser explicada pelo interesse desenvolvido na minha experiência de atuar com um grupo de crianças que frequentam uma unidade do CRAS, nos estágios Básicos I e II da matriz curricular do curso de psicologia. Onde foi possível perceber e trabalhar diversos aspectos sobre a infância, inclusive a autoestima e como esta pode ser atravessada por muitos fatores, sendo o racismo um deles. Dessa forma, no decorrer da graduação, foi sendo amplificado o meu interesse em aprofundar de maneira crítica o estudo tanto na área do desenvolvimento infantil como na perspectiva dos estudos raciais.

Posto isso, este trabalho tem como objetivo geral: mapear, em bancos de dados científicos, impactos do racismo no desenvolvimento psicossocial de crianças negras no que se refere à autoestima. Assim sendo, para melhor compreender a temática, este artigo conta com os objetivos específicos: investigar o desenvolvimento psicossocial de crianças; compreender as pluralidades do racismo vividos por crianças negras no Brasil; correlacionar consequências no desenvolvimento psicossocial da autoestima de crianças negras a vivências de racismo sofridas por elas.

A longo prazo, pensando no viés acumulativo dos impactos, é possível associar isso a adolescentes e adultos que irão enfrentar inegavelmente dificuldades para estabelecerem-se socialmente perante a desigualdade racial, porém essas dificuldades podem ser potencializadas de acordo com a forma que o indivíduo amadureceu cognitivamente. Assim como, pontua Ferreira e Camargo (2011, p. 378) a criança assimila, em seu mundo simbólico, valores, crenças e padrões de comportamentos estigmatizados através das relações sociais.

Assim sendo, o artigo foi dividido em quatro tópicos na fundamentação teórica, seguindo uma ordem que permite explorar variadas temáticas, desde aspectos da infância

até os reais impactos do racismo, para, dessa forma, responder aos objetivos específicos propostos anteriormente. Por conseguinte, o primeiro tópico, intitulado de o desenvolvimento psicossocial na infância, visa investigar as características do desenvolvimento psicossocial, que perpassam as 3 fases da infância, explorando sobre sua importância, influência e consequência em cada uma dessas fases e na formação do indivíduo como um todo.

Seguindo essa lógica, o segundo tópico, intitula-se como os pilares para a formação de uma autoestima saudável, e aborda justamente sobre a formação saudável e não saudável da autoestima, assim como os impactos que estas podem trazer para o indivíduo no que se refere à forma como lida consigo e com o mundo. Para mais, no terceiro tópico, nomeado: as diferentes manifestações do racismo, foi exposto sobre as pluralidades da origem e manifestação do racismo e como este expressa-se de maneira naturalizada no imaginário social. Por fim, o último tópico impacto do racismo no desenvolvimento psicossocial da pessoa negra, foi possível fazer certas correlações entre o racismo direcionado ao momento de desenvolvimento na infância e os impactos causados na construção de uma autoestima saudável.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

No que diz respeito à metodologia utilizada na produção do presente trabalho, esta pode ser classificada, com base nos seus objetivos, enquanto uma pesquisa descritiva que consta com o método bibliográfico e análise de dados qualitativa. Para mais, a fim de evidenciar os principais temas utilizados, as palavras-chave dessa pesquisa são: Psicologia; Racismo; Autoestima; Criança; Desenvolvimento psicossocial.

A pesquisa bibliográfica trata-se de um método científico onde o autor busca informações em materiais relevantes, que se relacionem com o tema a ser abordado na pesquisa e que já foram previamente publicados nos mais diversos meios de comunicação. Nessa perspectiva, os autores Sousa, Oliveira e Alves (2021, p. 66) trazem que “os instrumentos que são utilizados na realização da pesquisa bibliográfica são: livros, artigos científicos, teses, dissertações, anuários, revistas, leis e outros tipos de fontes escritas que já foram publicados”.

Em vista disso, os bancos de dados utilizados para a construção do presente artigo foram instrumentos de pesquisa e armazenamento de trabalhos, como Google Acadêmico, SciELO (Scientific Electronic Library Online) e BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações). Dentro dessas plataformas foram consultados materiais como artigos de revista, teses e monografias que abordam as temáticas de desenvolvimento infantil, racismo e/ou autoestima, publicados entre o período de 2004 a 2024. Para mais, também foram analisados livros de autores relevantes sobre as temáticas aqui presentes.

Portanto, os critérios de inclusão de materiais buscou compreender aqueles que fossem em português, e que pudessem discutir sobre temáticas que se relacionem às palavras-chave do presente trabalho, sendo elas Psicologia; Racismo; Autoestima; Criança; Desenvolvimento psicossocial. Foi utilizado como critério de exclusão os materiais que estivessem em outro idioma.

Já em relação aos aspectos qualitativos da presente pesquisa, isso significa dizer que se utiliza de dados subjetivos. Dessa forma, os autores Nunes, Nascimento e Alencar (2016, p. 146) elucidam que, “a pesquisa descritiva inclui um estudo observacional, onde se compara dois grupos similares”, sendo assim, o processo descritivo visa à identificação, registro e análise das características, fatores ou variáveis que se relacionam com o fenômeno ou processo.

Para prosseguir com a análise daqueles estudos já publicados sobre a referente temática, os métodos utilizados para tal envolvem a leitura crítica e interpretativa das fontes, com o objetivo de identificar padrões, conceitos e temas recorrentes e fichamentos dos pontos mais relevantes para a construção do trabalho. Esses pontos serão agrupados por similitude em tópicos no referencial teórico deste artigo.

2.2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.2.1 Desenvolvimento psicossocial na infância

Papalia e Feldman (2013) ao estudar os diferentes níveis de desenvolvimento do ser humano, como físico, cognitivo e psicossocial, nas distintas fases da vida, dividem a infância em três fases para melhor entender as mudanças que nela ocorrem. Sendo assim, estes autores determinam a primeira infância como sendo dos 0 aos 3 anos, a segunda infância compreende dos 3 aos 6 anos, e a terceira infância indo de 6 a 11 anos. Logo em seguida vem o recorte da adolescência e as demais fases evolutivas do ser humano, provando como este nunca deixa de

se desenvolver, desde os primeiros rastros de vida, ainda em formação no útero, até os últimos suspiros na fase adulta tardia.

Com isso, o recorte sobre a infância é, em suma, bastante atrativo, por compreender os primeiros contatos do indivíduo consigo mesmo e com o mundo ao seu redor. É onde a criança enxerga as situações a partir de suas próprias percepções e começa a integrar-se em sociedade, contemplando uma noção de mundo completamente do zero, dependendo apenas dos fatores de desenvolvimento ofertados ao seu redor.

Posto isso, a partir das divisões por faixa etária, mudanças vão se manifestando física e psicologicamente. Logo na primeira infância, é onde se inicia o desenvolvimento emocional da criança, pois vão surgindo as primeiras emoções que, depois de um tempo, evoluem seu nível de complexidade. É notório também nessa fase, o desenvolvimento do temperamento que é descrito por Papalia e Feldman (2013, p. 213) como “o modo característico, com base biológica, de uma pessoa abordar e reagir a outras pessoas e as situações”.

Outro aspecto importante da primeira infância são os primeiros contatos sociais experimentados pela criança. Dessa forma, esse primeiro contato, responsável também por moldar a personalidade do indivíduo, ocorre na inserção deste em sua família. As primeiras figuras de cuidado, como pais e mães, com quem temos contato, são responsáveis por introduzir o sujeito ao mundo, moldar sua personalidade, educar, ensinar e amar. É então, a partir dessa relação que se desenvolve a confiança, conforme Erikson (1998, p. 52), que descreve a confiança como “o resultado de uma relação inicial de cuidado consistente e responsivo entre o bebê e seu cuidador”.

Ainda no recorte de tempo dos três primeiros anos de vida, surgem outras questões psicossociais muito importantes a longo prazo, como o senso de identidade, autonomia, socialização e internalização de padrões comportamentais.

É durante essa fase que a criança constrói seu autoconceito, uma consciência de si, diferenciando-se dos demais. Ao interagir com outros seres humanos, em sua maioria adultos, a criança passa a socializar e, segundo Berger (2007, p. 29), trata-se de “o aprendizado social que permite à criança adquirir competências e padrões culturais necessários para integrar-se à sociedade”. Embora se entenda que as experiências vividas na infância tragam consequências positivas para o desenvolvimento psicossocial do ser humano, existem também as consequências prejudiciais criadas pelas experiências de maus tratos na infância.

Consequentemente, durante o processo de se relacionar com o seu entorno, primordialmente com os pais ou cuidadores, a criança pode estar suscetível tanto a experiências positivas como negativas. Segundo o Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela

Infância (2021, p. 35) tais relações “intervêm no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança, podendo favorecê-lo ou prejudicá-lo”.

Seguindo a linha de evolução, já na segunda infância a criança começa a formar com maior nitidez sua identidade e seu autoconceito, através de seu desenvolvimento cognitivo. É através desse autoconceito que a criança entende a si e conceitua-se internamente, apesar de não ser originado nessa fase, começa a ganhar propriedade na mesma a partir do momento que a criança está inserindo-se em contextos mais sociais.

Apesar disso, essa identidade nada mais é do que a internalização da leitura feita por outras pessoas, também através das interações sociais. Papalia e Feldman, (2013, p. 284) descrevem que, “o senso de identidade também tem um aspecto social: a criança incorpora em sua autoimagem a crescente compreensão de como os outros a veem”. Dessa forma, a autoestima da criança, que é como esta julga o seu valor, fica suscetível ao que as relações e o ambiente propiciam a ela.

Por isso, a exposição da criança a fatores negativos, como, por exemplo, o racismo, pode trazer diversos prejuízos para o seu desenvolvimento, em diferentes níveis, e a formação de uma autoestima saudável. Sendo assim, Silva (2005 *apud* Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância 2021, p.36) explica que, “o racismo prejudica o desenvolvimento infantil, pois cria situações nas quais as crianças negras são afetadas por um tipo de sofrimento específico, em razão de seu pertencimento racial, e podem apresentar danos emocionais como consequência desta violência”.

Outro importante aspecto da segunda infância é a compreensão e regulação das emoções, ao contribuir com a sua capacidade de interagir socialmente e obter bons resultados através disso. Assim como, há o reconhecimento sobre as emoções conflitantes presentes no universo da criança, surgem também os primeiros entendimento sobre identidade de gênero, internalizando os papéis, tipificações, diferenças e estereótipos, a partir da diferenciação entre eles. Papalia e Martorelli (2022) definem em sua obra que “a aprendizagem e internalização dos conceitos de gênero ocorrem através de múltiplas perspectivas, sendo elas: biológica, evolucionista, psicanalítica, cognitiva e da aprendizagem social”.

Como foi citado anteriormente, a socialização da criança nessa fase é muito importante para o desenvolvimento de inúmeros aspectos e, diferente da fase anterior, nesta o relacionamento com outras crianças passa a ser tão importante quanto com os adultos. Ainda nessa linha de raciocínio, a terceira infância se caracteriza principalmente pelo aperfeiçoamento e refinamento de propriedades que já começaram a se desenvolver nas fases anteriores da infância.

De tal forma que, se aprimora o desenvolvimento do autoconceito e autoestima, principalmente pelo fato de a criança começar a experimentar novas e diversificadas situações sociais, em diferentes cenários com uma maior gama de participantes. Assim como explica Papalia e Martorelli (2022, p. 293), “o crescimento cognitivo que ocorre durante a terceira infância permite à criança desenvolver conceitos mais complexos sobre si mesma e ganhar compreensão e controle emocional”. Equivalente a isso, também estimula-se o crescimento emocional e pró-social, que envolve situações familiares e extra familiares mais complexas e densas. A exemplo disso, as amizades formadas pelas crianças e seus pares também se tornam mais complexas, permitindo que estas aprimorem suas capacidades sociais e ampliem seus horizontes de contatos.

Fato esse que, pode contribuir positiva ou negativamente para um desenvolvimento saudável desse indivíduo, pois em certas ocasiões essa construção de vínculos será benéfica. É característico dessa fase a inserção das crianças no contexto escolar, local onde poderá desfrutar de novos desafios em seu desenvolvimento psicossocial. Apesar de ser uma parte da vida repleta de brincadeiras, as quais são direito da criança, para algumas há delimitadores sociais que podem prejudicar vários aspectos de seu desenvolvimento.

Com base nisso, elementos como gênero, racismo, classe social, dificuldades de aprendizagem, presença de deficiências, visíveis ou não, ou de diagnóstico de neurodiversidade, representam alguns exemplos de delimitadores que atuam prejudicialmente no ambiente escolar e na infância. Em específico, o racismo entra como um fator delimitador que prejudicará as experiências sociais da criança e consequentemente o seu desenvolvimento saudável. Pois, este não se restringe apenas ao contexto fora da escola e se manifestará através das relações étnico-raciais, que podem ser violentas e excludentes, através das brincadeiras, através da falta de representatividade, dentre outras formas.

Para Prestes e Santos (2024, p. 245) “as crianças negras evadem com mais frequência e mais cedo do sistema escolar, além de experimentarem mais afastamentos e retornos para a escola”. Dessa forma, constata-se que a trajetória escolar delas sofre mais interferências e reveses que as de crianças brancas. Por fim, apesar do aumento no enfrentamento de situações que envolvam agressão e bullying, entre crianças e adolescentes, a saúde mental dessas crianças podem ser afetadas por diversos outros fatores violentos, como a intolerância e o preconceito referente a elementos que caracterizam suas vivências, já citados anteriormente, fazendo com que não haja a formação de uma autoestima saudável, trazendo diversos prejuízos a curto e longo prazo.

2.2.2 Os pilares para a formação de uma autoestima saudável

A autoestima é uma condição fundamental para o ser humano, que deve ser desenvolvida ao longo do tempo. Branden (1997, p. 50) a define como “disposição para experimentar a si mesmo como alguém competente para lidar com os desafios básicos da vida e ser merecedor da felicidade”. À vista disso, esse autor destrincha sobre tal conceito e diz que, a autoestima é ainda,

1. confiança em nossa capacidade de pensar; confiança em nossa habilidade de dar conta dos desafios básicos da vida; e
2. Confiança em nosso direito e vencer e sermos felizes; a sensação de que temos valor, e de que merecemos e podemos afirmar nossas necessidades e aquilo que queremos alcançar nossas metas e colher os frutos de nossos esforços (Branden, 1997, p.22)

Apesar disso, nem sempre esse aspecto quando adquirido e absorvido pelo indivíduo significará algo saudável. Pois, partindo do pressuposto básico desse fenômeno onde há internalização do valor próprio, este pode ser compreendido de maneira negativa, o que irá impactar o sujeito nas diversas áreas de sua vida. Isto é, a autoestima pode contribuir para uma vivência saudável, que facilitará o enfrentamento frente às adversidades, ou prejudicar e limitar as experiências de vida.

Dessa forma, este é um importante constructo, estudado pela psicologia, na formação do sujeito, que compreende tanto noções subjetivas identitárias individuais, quanto noções e percepções sobre o seu papel na sociedade. É por meio desta que o indivíduo avalia constantemente a si e ao seu entorno, com base em preceitos internalizados também durante o seu período de desenvolvimento, durante as fases de socialização com seus semelhantes e o meio, e durante o processo de aprendizagem. Dessa forma, podemos considerar que,

As condições sociais e culturais possibilitam e estabelecem limites para que o indivíduo se desenvolva e se "torne pessoa". Por meio de processos educativos, o indivíduo assimila valores, regras e princípios que começam a fazer parte de si e identificam o seu "eu" como um ser único e individual, que se diferencia dos outros. O processo de individuação e de constituição do "eu" requer anos de vivência e de experiência. Também sofre a influência das produções dos "outros", tais como, a música, a literatura, a pintura, a dança, o teatro, entre outras. (Wallon, 1994 *apud* APRILE, 2013, p. 38)

Como a autoestima influencia diversas áreas da vida, logo uma autoestima saudável compreende uma melhor qualidade de vida. Já que, ao elevar seu nível, o indivíduo é capaz de

lidar com mais facilidade, flexibilidade e criatividade aos desafios internos e externos que surgirem em sua vida. Para mais, o sujeito com um nível considerado saudável de autoestima irá sentir-se mais seguro consigo mesmo e com suas ideias e conquistas.

Este fenômeno não necessariamente significa dizer que não haverá adversidades na vida do indivíduo, mas, segundo Branden (1997, p. 24), “quanto mais sólida for a nossa autoestima, mais bem preparados estaremos para lidar com os problemas que surgem na nossa vida pessoal e profissional”. Contudo, para que isso ocorra, se faz necessário que diversos fatores de integração também sejam favoráveis a esse processo. Como exemplo de fatores externos, temos, a criação e educação providenciados pelos pais à criança, que a incentiva a se desenvolver acreditando no seu potencial ao mesmo tempo que também possa sentir-se amada.

Outro importante fator é a educação e socialização, que ocorre durante o período escolar. Neste também precisam ser empregados valores que busquem desenvolver as potencialidades dos alunos, ao mesmo tempo que possam conhecer a si próprios. Porém, como cada indivíduo apresenta suas características particulares, essa jornada nem sempre se torna proveitosa para todos, principalmente aqueles que participam de algum grupo minoritário e, por consequência, tornam-se vítimas de bullying e preconceito.

Ainda no contexto escolar, o favorecimento de uma percepção de si saudável, ajuda também com que a criança sinta-se mais confortável e entusiasmada a participar dos processos de aprendizagem, tendo influência direta no seu rendimento escolar. Pois, se a escola torna-se um lugar aversivo para o indivíduo, logo este não irá se sentir tentado a retornar, podendo ser uma das motivações para a evasão escolar. À vista disso, Carvalho & Cordeiro (2021, p. 150) colocam que, “as crianças que encontram-se inseridas em um meio sem suporte, apresentam grandes chances de desenvolver a baixa autoestima, apresentando dificuldades em socialização e enfrentamento de problemas advindos durante seu crescimento”.

Para adquirir elevado nível de autoestima, Branden (1997) elenca seis pilares/atitude necessários para atingir esse objetivo, são eles: Atitude de viver conscientemente; a atitude da auto-aceitação; a atitude da auto-responsabilidade; a atitude da auto-afirmação; a atitude da intencionalidade; a atitude da integridade pessoal. O que significa dizer, em linhas gerais, que a incorporação desses pilares refere-se a obter plena consciência de quem se é e os valores que o compõem, aceitar o que pensa mesmo que não aprove e queira mudar, pois para mudar é necessário primeiro aceitar. Dando continuidade, é importante também tornar-se sujeito ativo no seu progresso e se responsabilizar por ele, de tal modo a também expressar-se

livremente e com convicção para, por fim, viver intencionalmente de acordo com seus objetivos e propósitos.

Assim sendo, compreende-se a partir dos expostos que a construção de uma autoestima saudável é fundamental para um bem-estar futuro que garantirá qualidade de vida futuramente para cada indivíduo em diversas fases futuras de sua jornada de desenvolvimento. Apesar disso, a relação de certos indivíduos com o social pode influenciar para a construção de uma baixa autoestima. Por conseguinte, nos indivíduos afetados diretamente pelo racismo, a baixa autoestima também impede a formação de uma identidade étnica-racial de qualidade, fazendo com que este queira sempre se afastar de características tidas como negativas de diversas formas pelo racismo, assim como elucida Santos, ao dizer que,

Estudos apontam que a conquista da identidade étnica-racial tem forte influência em relação à autoestima dos jovens de grupos minoritários, quando esta identidade étnica é forte, isto é, quando há forte identificação com o eu grupo e orgulho étnico, a autoestima é reforçada, e os jovens apresentam mais mecanismos para enfrentar os efeitos da discriminação pela cultura majoritária. (Santos, 2021, p. 50)

Posto isso, analisar também as relações raciais se faz necessário quando se deseja proporcionar um desenvolvimento igualitário para aquelas crianças que são vítimas de tal violência. A fim de não perpetuar noções e ações equivocadas e preconceituosas, que prejudiquem a vivência plena de qualquer grupo minoritário.

2.2.3 As diferentes manifestações do racismo

A hierarquização racial, étnica e cultural impulsionou-se no mundo a partir do contexto de expansão colonial, onde fortemente foi disseminada a ideia do eurocentrismo. Termo esse que, segundo Barbosa (2008, p. 47), “compreende uma ideologia e paradigma, cujo cerne é uma estrutura mental de caráter provinciano, fundada na crença da superioridade do modo de vida e do desenvolvimento europeu - ocidental”.

No Brasil, essa noção não seria diferente, já que a origem da nação é fundamentada através da desumanização dos povos indígenas e dos negros traficados da região africana. Onde, tal realidade se manteve por um longo período de tempo, corroborando ainda mais para a cristalização da perspectiva desigual entre raças que se mantém até a atualidade, mesmo com as modificações ocorridas ao longo das transformações históricas, a essência permanece a mesma.

Dito isso, é possível afirmar que as práticas de preconceito racial reinventam-se a partir desse enfoque, pois como cita Almeida (2019, p. 36), “a especificidade da dinâmica estrutural do racismo está ligada às peculiaridades de cada formação social”. Então, fazendo o recorte da sua disseminação no contexto pós-abolicionista, compreende-se que esta se dá por meio de uma falsa justificativa científica, intitulada eugenismo, a qual visou justificar a superioridade de uma raça/etnia em detrimento de outra.

Com base nisso, Souza (2022, p. 94) explica esse fenômeno como, um campo que articulou “ciência, política e raça, a eugenia promoveu ideias e medidas sobre seleção social e racial, gênero e sexualidade e formação de identidades nacionais, adequando os usos das teorias científicas às ideologias políticas e raciais”.

Tal movimento infiltrou-se em diversos âmbitos da sociedade, implementando normas e condutas sociais explicitamente racistas. Dessa forma, sendo responsáveis por inferiorizar uma população, negar seu acesso a bens e espaços, promover práticas que iam diretamente contra a sua existência de forma explícita. Souza (2022, p. 99) coloca que, “a eugenia se transformou em linguagem corrente, empregada tanto no campo da ciência e da literatura quanto no pensamento social político”.

Dito isso, as manifestações de racismo na atualidade, apesar de ainda ocorrerem de uma forma nítida, escancarada e violenta, que remete ao seu passado, tem sido majoritariamente expressada de uma maneira velada e estrutural. Pois, como explica Lima e Vala (2004, p. 403), “as pessoas, face às expressões da legislação anti-racista e dos princípios da igualdade e da liberdade pregados pelas democracias liberais, começaram a expressar seu preconceito de uma forma mais sutil e velada”.

Ainda sobre a perspectiva estrutural do racismo, Almeida (2019) em sua obra propõe que o racismo é sempre estrutural. Para mais, Almeida (2019, p. 33) destaca que, “o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional”.

O racismo estrutural, como um sistema profundamente enraizado nas instituições e nas relações sociais, expõe pessoas negras, desde a infância, a situações recorrentes de discriminação e violência racial, mesmo com a característica inocência presente nessa fase da vida. Ainda mais, potencializa a ideia de que em muitas situações, esses sujeitos nem identificam a violência que vivenciam, justamente pelo caráter naturalizado que se dá nas relações sociais. Dessa maneira, também contribui para a internalização de práticas

discriminatórias, moldando a subjetividade e as experiências das crianças negras ao longo de suas vidas.

Com isso, de maneira mais específica, ligado às condutas em espaços institucionais, é onde se encontra a ramificação do racismo estrutural, o chamado racismo institucional. Este, como o nome explicita, se dá no dia a dia das instituições, quando devido às políticas que regem a conduta e a moral daquele espaço ratifica a manutenção de um cenário de desigualdade racial. Werneck (2016, p. 542) diz que, “ele atua de forma a induzir, manter e condicionar a organização e a ação do Estado, suas instituições e políticas públicas – atuando também nas instituições privadas – produzindo e reproduzindo a hierarquia racial”.

Dessa maneira, pode estar presente nas escolas, nos hospitais, nas empresas, no sistema penitenciário, entre outros lugares. Onde, além de se fundamentar em normas racistas, como o que ocorre na rede de ensino, onde, por exemplo, se perpetua o apagamento da verdadeira história do povo negro traficado para o Brasil, há também a omissão desse mesmo serviço em posicionar-se contra o racismo.

Por meio dessa concepção de como se estabelece o racismo institucional, é indispensável pensar sobre o ambiente escolar, justamente por este representar uma das primeiras instituições, que recebe e atua diretamente com a criança negra, ainda em seus estágios iniciais de desenvolvimento. A problemática pode ser exemplificada pela fala de Ribeiro e Costa (2018, p. 394) a qual menciona que, “a escola se encontra despreparada para lidar com questões raciais, resistente a essas questões, e com temáticas decorrentes delas”.

Assim, ao encarregar-se de normalizar a hierarquia racial, dita também a maneira como as relações interpessoais devem ocorrer, introduzindo a outra perspectiva de racismo, o chamado racismo interpessoal. Silva (2023, p. 53) o explica como sendo “a atitude racista realizada por uma pessoa contra outra”. Dessa maneira, nota-se que o racismo institucional, e consequentemente o estrutural, cria os meios para que o racismo interpessoal se expresse, demonstrando que a influência do racismo de interliga nas distintas esferas, podendo, ao mesmo tempo, ser social e pessoal.

Isto posto, dentro dessas relações pessoais na infância, principalmente no contexto escolar, as crianças negras passam a se entender a partir dessas interações, não apenas com seus iguais, ou seja, outras crianças, mas também na relação com os professores. Onde, caso exista a ausência de cuidado com esse indivíduo, que estará no centro de uma potencial discriminação racial, o mesmo passará a entender que merece esse lugar de inferioridade.

2.2.4 Impacto do racismo no desenvolvimento psicossocial da pessoa negra

Como já pontuado, o período da infância é um dos mais importantes para a formação da personalidade, percepção de si, da autoestima e da introjeção de papéis e valores sociais pelo indivíduo. Santiago (2015, p. 138) explica que, “as crianças pequenininhas passam a constituírem-se como sujeitos do meio social, absorvendo papéis e atitudes dos significados presentes na sociedade, interiorizando-os, tornando-os seus”. Dessa maneira, qualquer tipo de maus-tratos, preconceito e discriminação sofridos pela criança, irá marcá-la profundamente e proporcionar consequências a longo prazo.

Para as crianças negras, o período da infância pode ser decisivo para a introjeção de elementos básicos de sua subjetividade. O racismo invade e afeta tal fase, de maneira a gerar conflitos externos e internos. É na infância que começa a ser posto em prática os mecanismos de controle da branquitude por ensinarem as crianças negras como o ideal não está presente na sua existência, colocando a vítima numa perspectiva de já ter nascido abaixo dos demais e em um lugar de negação da sua própria vida, a fim de tentar adequar-se para ser aceito. Dessa forma, SANTIAGO explica,

Ao mesmo tempo que o processo de racialização produz a inferioridade do negro através do olhar do outro, também legitima a aculturação forçada pelo imperialismo colonial, criando imagens tomadas como modelos ou referências. Nesse sentido, não basta somente alocar os negros em condições subalternas, é necessário também negar sua negritude e criar um imaginário negativo sobre ela, desenvolvendo a concepção de que as produções culturais dos europeus brancos são as melhores para compor as instrumentalidades da vida: a chamada “civilização” – a cultura “hegemônica” da classe dominante. (SANTIAGO, 2015, p.136)

Deste modo, a criança pode vivenciar situações, em várias esferas sociais, como ser excluída, não se sentir pertencente, não se sentir amada, não ser representada de maneira positiva, ter sua cultura anulada, assim como a inferiorização de suas vivências, sofrer diversos tipos de violência física e entre outros. Conforme essas experiências vão sendo vivenciadas, impactos e consequências vão sendo geradas no desenvolvimento psicossocial desse indivíduo, ainda nesses primeiros estágios de desenvolvimento da vida.

Tratando-se especificamente do racismo, este por si só possui grande complexidade na forma como se manifesta e se mantém socialmente ao ser possível atribuir a ele caráter estrutural que afeta diretamente nas ações coletivas e individuais e, como cita Lima & Vala (2004, p. 402),

O racismo repousa sobre uma crença naturalizadora entre grupos, ou melhor, envolve uma crença naturalizadora das diferenças entre os grupos, pois se liga a

ideia de que os grupos são diferentes porque possuem elementos essenciais que os fazem diferentes, ao passo que o preconceito não implica na essencialização ou naturalização das diferenças. (Lima & Vala, 2004, p. 402)

Sendo assim, fica evidente que as práticas de discriminação racial afetam o desenvolvimento psicossocial, de tal modo a impedirem a formação de uma autoestima saudável pela população alvo de tal intolerância. Já que, dentro das já discutidas influências na estruturação da autoestima, o racismo ocupa espaço como influência externa negativa, ou seja, trará ao indivíduo diretamente impactado possíveis consequências negativas.

Para mais, além da autoestima propriamente dita, é importante salientar que a integridade física da pessoa negra também é afetada, pois como mostram os dados do instituto brasileiro de geografia e estatística (IBGE, 2023), com estudos feitos entre 2020 a 2021, a população negra e parda enfrentam problemáticas com maiores índices de mortalidade, desigualdade econômica e falta de empregos. Assim sendo, os dados apontam a vulnerabilidade em que se encontra a maioria da população alvo do racismo no Brasil, e consequentemente esses dados apontam também diretamente para os impactos na saúde mental desta mesma população, já que os efeitos do racismo atuam em diferentes esferas e conectam-se.

Por encontrarem-se expostos desde a infância, há assim uma implicação no estabelecimento da autoestima e da identidade étnico-racial da criança negra. Como justificativa a isso, Conceição (2021, p. 19) explica que, “a valorização da identidade pessoal aconteça na primeira infância, momento em que a criança inicia a construção de sua autenticidade, que a acompanhará por toda a vida”.

Por conseguinte, conforme a leitura dos artigos relacionados à temática, foi possível identificar diversos impactos causados pelo racismo no desenvolvimento infantil. A pesquisa realizada pelo Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância elenca esses impactos e a partir disso é possível identificar aqueles que se relacionam com o desenvolvimento psicossocial, assim como mostra a tabela abaixo:

Tabela 1. Principais impactos causados pelo racismo no desenvolvimento psicossocial

Impactos		
Rejeição da própria imagem	Restrições para realizar sua capacidade intelectual	Ansiedade, fobia, depressão
Construção de uma identidade racial desvalorizada	Problemas de socialização e inibição comportamental	Dificuldade de confiar em si mesmo

Fonte: Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância (2021)

Assim sendo, considerando que independentemente da idade, o indivíduo estará suscetível a vivenciar diferentes manifestações de racismo, este poderá de diversas maneiras internalizar os aspectos negativos e se ver de uma maneira muitas vezes inferiorizada, sem valor, a ponto de não se permitir vivenciar a vida de maneira digna por aceitar uma concepção determinista e falsa, sobre o seu ser, sua cultura e ancestralidade.

Esse viés tende a ocorrer com bastante intensidade na infância devido à gama de novas experiências ofertadas nesse período, como a inserção nas creches e escolas. Mas de maneira geral, esses espaços que possuem tanta importância quanto o âmbito familiar na formação do indivíduo e na sua inserção na sociedade, não estão preparados para suprir as necessidades de ensino, proteção e acolhimento das crianças, podendo ser coniventes com tal violência e até mesmo praticá-la.

Dessa maneira, a criança negra só aprende sobre si a partir de um ponto de vista que não favorece sua cultura, que não incentiva o seu respeito e nem pontua suas potencialidades culturais e ancestrais. Consequentemente, a formação da autoestima será prejudicada, assim como pontua TRIUMPHO (2004) em seu texto,

O nosso modelo de educação é alienante para a maioria do povo brasileiro que é negro. Esse modelo, responsável em grande parte pelo fracasso escolar de afro-brasileiros, contribui, também, de modo significativo para a existência de problemas de identidade e baixa autoestima na comunidade negra. (TRIUMPHO, 2004, p. 21)

A exemplo disso, ao abordar situações de racismo que ocorrem no ambiente escolar e as consequências geradas na autoestima de crianças negras, a partir de conflitos que ocorrem entre estes indivíduos, Carneiro (2011, p. 71) afirma sobre a perspectiva da criança negra que, “a imagem de si mesmas será inferiorizada, e as crianças brancas que presenciaram as cenas provavelmente se sentirão superiores a elas”.

Sendo assim, percebe-se que estando inseridas nesse contexto de violência, as crianças negras, para protegerem-se, acabam se distanciando de quem são e negando a si mesmas. Para além, ainda assumem, de maneira quase inevitável, as conclusões sobre si apresentadas pela branquitude. Assim como cita Souza (1983, p. 27) que, “para afirmar-se ou negar-se, o negro toma o branco como marco referencial”.

Ademais, Souza (1983, p. 30) ao falar sobre o mito negro como discurso que naturaliza a inferiorização da pessoa negra em relação à pessoa branca, diz que, “o negro

acreditou no conto, no mito, e passou a ver-se com os olhos e falar a linguagem do dominador”. Com base nisso, interpreta-se que ao ser inserida socialmente, ainda nos princípios da infância, a pessoa negra introjeta em si a ideia de inferioridade, alimentando em si a noção de que não é tão digna quanto a pessoa branca. Esse processo impacta negativamente o desenvolvimento de uma autoestima que valorize suas próprias potencialidades e contribui para uma autoimagem que frequentemente reflete as expectativas e estereótipos preconceituosos impostos pela sociedade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as discussões apresentadas, o presente trabalho se propôs a analisar a partir de registros bibliográficos a possível ligação entre os impactos gerados no desenvolvimento psicossocial, especificamente na formação de uma autoestima saudável, em crianças negras alvo de racismo. Com base nisso, foi possível fazer certas correlações entre o racismo direcionado ao momento de desenvolvimento da infância e os impactos causados na construção de uma autoestima saudável. Já que o racismo, assim como outros fenômenos sociais, molda a maneira como as pessoas interagem entre si e com o ambiente, assim como a internalização de significados pessoais, referentes também ao valor que atribuem a si.

Seguindo esse mesmo viés, a desvalorização de uma identidade negra e o apagamento de sua história, contribuem para a adoção de um ideal imaginário branco, o qual faz com que as pessoas negras tenham dificuldades em desenvolver a sua subjetividade, saúde mental e autoestima de maneira saudável.

Apesar da grande importância de se estudar essa temática, durante a construção desse artigo, foi possível encontrar poucos estudos que a trabalhem de maneira direta os impactos na autoestima de crianças e adultos negros. Essa escassez já era evidenciada por Carneiro (2011, p. 74), pois dentre os diversos trabalhos e pesquisas voltados para a temática do racismo, a mesma denunciava que, “esses diagnósticos se ressentem da ausência de estudos sobre um dos aspectos mais perversos do racismo e da discriminação racial: os danos psíquicos e, sobretudo, o golpe na autoestima que os mecanismos discriminatórios produzem nas vítimas do racismo”.

Porém, os resultados encontrados indicaram que o racismo exerce um impacto significativo na autoestima da criança negra, elencando rejeição da própria imagem, construção de uma identidade racial desvalorizada, restrições para realizar sua capacidade intelectual, problemas de socialização e inibição comportamental, ansiedade, fobia, depressão,

difficuldade de confiar em si mesmo, como sendo os principais prejuízos relacionados a esse aspecto.

Dessa forma, a rejeição da autoimagem e a construção de uma identidade racial desvalorizada na infância, ocorrem principalmente pelos processos de socialização marcados pela hegemonia de ideais estéticos eurocêtricos e pela marginalização de características fenotípicas associadas à negritude, resultando na internalização de padrões que depreciam os traços físicos e culturais das pessoas negras. A desvalorização da identidade racial também afeta a construção subjetiva do pertencimento social, minando a capacidade de se reconhecer como sujeito digno de reconhecimento e respeito em um contexto estruturado por hierarquias raciais.

Ademais, a discriminação racial sistemática limita a percepção da própria capacidade intelectual e promove a inibição comportamental. Inibição comportamental essa que, é marcada fortemente pelo racismo estrutural e interpessoal, pois as experiências negativas firmadas por esses modelos normativos sociais, impactam negativamente os processos de socialização e interação em diversos contextos.

As constantes micro agressões normalizadas pelo racismo, como vigilância social, exclusão social e as expectativas reduzidas impostas a indivíduos negros, podem também resultar em consequências no campo das psicopatologias como ansiedade, fobia social e depressão. Esses fatores contribuem para o desenvolvimento de uma autoeficácia diminuída, resultando em dificuldades de confiar nas próprias habilidades e validação de suas conquistas. Assim, o racismo se configura como um elemento de estresse psicossocial contínuo, mantendo uma estrutura que cristaliza essa violência na normativa cultural da sociedade que afetam a saúde mental e o bem-estar da população negra.

Conclui-se que, a psicologia enquanto classe e o profissional individualmente, tendo sua prática voltada para infância ou não, devem estar alinhados a princípios antirracistas, que não corroborem com narrativas racistas ou que produzam qualquer nível de sofrimento. Assim como, é fundamental comprometer-se em capacitar-se nos estudos sobre racialidades para intervir diretamente na desnaturalização de práticas racistas em diferentes contextos. Por fim, estar equiparado a esses princípios, é de extrema importância, pois não condizem apenas com o cumprimento das regras impostas no código de ética da profissão, mas também reiteram o compromisso pessoal para colocar-se como sujeito ativo na construção de uma sociedade melhor.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

APRILE, Maria Rita. Autoestima, conceitos correlatos e avaliação. **Revista Equilíbrio Corporal e Saúde**, v. 5, n. 1, p. 36-48, 2013.

BARBOSA, Muryatan Santana. **Eurocentrismo, História e História da África**. Sankofa (São Paulo), São Paulo, Brasil, v. 1, n. 1, p. 47–63, 2008. DOI: 10.11606/issn.1983-6023.sank.2008.88723. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/88723>. Acesso em: 30 abr. 2024.

BERGER, Kathleen Stassen. **O desenvolvimento da pessoa: da infância à terceira idade**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BRANDEN, Nathaniel. **Auto-estima e os seus seis pilares**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARVALHO, C.; CORDEIRO, B. O desenvolvimento da autoestima na infância: a relação da baixa autoestima com a dificuldade escolar. **Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa**, v. 37, n. 73, p. 148-163, 2021. Disponível em: <http://publicacoes.unifil.br/index.php/Revistatest/article/view/2259/2049>. Acesso em: 8 nov. 2024.

COMITÊ Científico do Núcleo Ciência Pela Infância. **Racismo, educação infantil e desenvolvimento na primeira infância** [livro eletrônico]. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2021. Disponível em: <https://ncpi.org.br/publicacao/racismo-educacao-infantil-e-desenvolvimento-na-primeira-infancia/>. Acesso em: 24 mar. 2024.

CONCEIÇÃO, Kathleen Evelyn Alves da. **Desenvolvimento psicossocial de crianças negras: revisão de narrativa**. Trabalho de conclusão de curso (graduação) — Universidade de Brasília, Faculdade de Ceilândia, Curso de Terapia Ocupacional. 2021.

ERIKSON, Erik H. **Infância e sociedade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FERREIRA, R. F.; CAMARGO, A. C. As relações cotidianas e a construção da identidade negra. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, n. 2, p. 374–389, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pessoas pretas e pardas continuam com menor acesso a emprego, educação, segurança e saneamento**. *Agência de Notícias IBGE*, 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35467-pessoas-pretas-e-pardas-continuam-com-menor-acesso-a-emprego-educacao-seguranca-e-saneamento#:~:text=Em%202020%2C%20foram%2049%2C9,taxa%20foi%20de%2021%2C9>. Acesso em: 24 out. 2024.

KILOMBA, Grada. Dizendo o indizível: Definição de Racismo. *In*: KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. cap. 3, p. 71-92.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; VALA, Jorge. **As novas formas de expressão do preconceito e do racismo**. Estudos de Psicologia (Natal) [online]. v. 9, n. 3, p. 401-411, 2004. DOI: 10.1590/S1413-294X2004000300002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300002>. Acesso em: 9 jun. 2024.

NUNES, Ginete Cavalcante; NASCIMENTO, Maria Cristina Delmondes; ALENCAR, Maria Aparecida Carvalho de. **Pesquisa científica: conceitos básicos**. *ID on-line: Revista de Psicologia*, v. 10, n. 29, p. 144-151, 2016.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela. **Desenvolvimento humano**. Grupo A, 2022. E-book. ISBN 9786558040132. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786558040132/>. Acesso em: 2 abr. 2024.

PRESTES, Clélia; FIGUEIROA DOS SANTOS, Elisabete. **Estratégias de promoção de saúde mental de crianças negras na primeira infância**. *In*: Primeira infância e relações étnico-raciais. São Paulo: Editora Dandara; Instituto AMMA Psique e Negritude, 2024. p. 243-268.

RIBEIRO, F. G.; DA COSTA, C. S. O racismo institucional e seus contornos na educação básica. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 10, n. 24, p. 392–408, 2018. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/457>. Acesso em: 22 nov. 2024.

SANTIAGO, F. **Gritos sem palavras: resistências das crianças pequenininhas negras frente ao racismo**. Educação em Revista, v. 31, n. 2, p. 129–153, abr. 2015.

SANTOS, Joana dos. **Intervenção em socialização étnica: efeitos sobre a identidade e autoestima individual e grupal de crianças negras**. 2021. 92 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.

SILVA, Marcondes Henrique Barbosa. **Raça, racismo e antirracismo no Brasil em uma perspectiva linguística e discursiva**. *In*: Escrituras pretas de [r]existências: narrativas, rebeldias e vidas teimosas. p. 50-64, 2023.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos**. Cadernos da FUCAMP, v. 20, n. 43, 2021

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **Eugenia, racismo científico e antirracismo no Brasil: debates sobre ciência, raça e imigração no movimento eugênico brasileiro (1920-1930)**.

Revista Brasileira de História [online]. v. 42, n. 89, p. 93-115, 2022. DOI: 10.1590/1806-93472022v42n89-06. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93472022v42n89-06>. Acesso em: 7 jun. 2024.

TRIUMPHO, Vera Regina Santos. **Coletivo estadual de educadores negros**: compromissos com a educação das relações étnico-raciais. *identidade!*, v. 6, n. 2, p. 21-26, 2004.

WERNECK, J. **Racismo institucional e saúde da população negra**. *Saúde e Sociedade*, v. 25, n. 3, p. 535–549, jul. 2016.